

FH e Blair falam hoje em nome de blocos comerciais

NELSON FRANCO JOBIM

LONDRES – As relações Brasil-Grã-Bretanha assumem uma nova dimensão com a crescente aproximação entre o Mercosul e a União Européia (UE). Quando o presidente Fernando Henrique se encontrar hoje com o primeiro-ministro Tony Blair, estará falando com aquele que será o presidente da União Européia – o maior mercado consumidor do mundo – de janeiro a junho de 1998. E estará representando um mercado de mais de 200 milhões de pessoas e um produto regional bruto de US\$ 1 trilhão.

O eixo das relações anglo-brasileiras é a economia, especialmente o comércio bilateral, com crescimento nas exportações britânicas para o Brasil, nos últimos cinco anos. “Londres assume a presidência rotativa da União Européia, num momento muito importante, de definição de quem participa da união monetária euro-

péia e da Cúpula das Américas, para começar a discutir a zona hemisférica de livre comércio”, afirma o professor Paulo Wrobel, pesquisador convidado do Instituto Real de Affairs Internacionais. “O triângulo UE-Mercosul-Nafta vai se tornando, cada vez mais, uma realidade.”

Em alguns anos de existência, ainda segundo Wrobel, “o Mercosul criou uma marca conhecida por empresários, exportadores e investidores, e botou o Brasil e a Argentina no mapa político e econômico.”

“O Mercosul é o parceiro privilegiado da UE na América Latina”, constata o professor de relações internacionais. “Mais da metade do comércio europeu com a América Latina vai para o Mercosul, e a Europa é o maior mercado para o Mercosul. O Brasil, como maior economia, exerce uma certa liderança no Mercosul. Assim, não dá para pensar nas relações Brasil-Grã-Bretanha hoje, fora do eixo Mercosul-UE.”

Por razões geopolíticas, as prioridades de política externa da Grã-Bretanha são a União Européia, a chamada “relação especial” com os Estados Unidos e a ampliação da UE no Leste Europeu. Em seguida, vêm as preocupações com o Norte da África e países mediterrâneos. Resta ainda um resquício do Império Britânico, as ex-colônias do Sul e Sudeste Asiático, África e Caribe.

A América Latina entra nesse quadro na medida de sua importância econômica. Do século passado, no auge do Império Britânico, até o fim da Primeira Guerra Mundial, a Grã-Bretanha era a potência econômica dominante nas relações com a América Latina. Nos anos 20, com a decadência do império, os EUA assumiram a posição de parceiro comercial mais importante da América Latina. Agora, há um aumento de investimentos e fluxos de comércio.

Hoje, para contrabalançar o poderio americano, o Mercosul busca par-

ceria natural com a UE, que o reconhece como um bloco de países com direito de negociar conjuntamente com maior facilidade que os EUA. A política externa brasileira é o tema da palestra que o ministro das Relações Exteriores, Luiz Felipe Lampreia, faz hoje no Instituto Real de Assuntos Internacionais.

Ontem, Lampreia e o ministro das Relações Exteriores da Grã-Bretanha, deputado Robin Cook, assinaram três acordos nas áreas de ciência e tecnologia, controle alfandegário e direitos humanos.

“O acordo alfandegário é essencial no combate global contra o flagelo do tráfico de drogas. E a declaração conjunta aprofunda o diálogo sobre direitos humanos”, afirmou Cook. Já a declaração sobre direitos humanos prevê “uma extensão do diálogo sobre reforma judiciária e policiamento comunitário, mecanismos de controle e prestação de contas da polícia à comunidade”.